

À Aventura em dois
continentes

À Aventura em dois continentes

Paulo Oliveira

Autor: Paulo Oliveira
Design da capa: AI / Paulo Oliveira
ISBN: 9789403840611
© Paulo Oliveira

LISBOA

Lisboa - 22 de Outubro de 1991

Como é diferente este regresso a Lisboa. A saída da extensa e verde planura tropical, para viver de novo sob uma redoma acinzentada reflectindo montanhas de betão, se bem que o céu esteja límpido e cristalino nesta suave manhã de outono.

22 de Outubro, seis horas. A última mala de viagem já nas garras, a fila torpe para o táxi. O sorriso do malandrim ao volante, a desmaiar agora que o informamos que o passeio termina ali ao pé, na Encarnação, e que conheço bem o caminho, não se incomode, obrigado! Trazia o trajecto bem estudado e damos logo com a vivenda, o número trinta e sete, *tal-e-qualmente* mo relataram, a seguir ao pinheiro enorme e à palmeira - oscilam a cumprimentar-nos! - e cá está a casa de rés-do-chão e primeiro.

A Célia praticamente ainda não falara, ia mirando e remirando esta urbe da qual, pelo menos até agora, só apercebia um bairrinho jeitoso com casas baixas e arrançadas, uns jardinzinhos fronteiros.

Descarregamos as malas - pagámos, claro, a taxa extra de trezentos paus - e o palhaço ainda quer juntar o '1' da tarifa ao número que estava à frente e indicava o preço a cobrar. Há cada um! Onde é que está a bófia que não prende estes vigos?!

Abrimos o pequeno portão e avançamos pelo corredor que separa o jardim da habitação. Tudo está mergulhado em silêncio. Largamos a bagagem. Meia-volta. Jardim da frente. Sentamo-nos no degrau, em conversa amena, o chilrear da Célia após dar ignição a mais um cigarro. Só agora o dia começa de facto a clarear.

Quando percebemos os primeiros sons vindos do interior resolvo bater. Surpresa e alegria geral, com a excepção, claro, do gatito, o Popeye, indiferente primeiro como todos os gatos, e a cheirar tudo, depois, conforme a bagagem é içada para dentro.

Dupla surpresa, portanto, ninguém sabia que vínhamos, e só o Pedro é que conhecia a Célia. Vamos todos para a sala, claro, uma divisão onde os livros imperam. O meu pai está de partida para o serviço. Na rádio, é a TSF com os seus contínuos noticiários matinais. Mantém-se a estação preferida lá em casa. E a avó Virgínia também cá está e pelo rabinho do olho vai espreitando e remirando bem a Célia... 'Quando vi o tiçãozinho!...' - dirá ela depois.

A surpresa aumenta mais ainda ao se aperceberem da dimensão da bagagem e ouvem a minha explicitação. 'Pois! Não, não estamos de férias, não, não estamos de passagem... que... ora!, decidimos vir para Portugal'. Creio que até percebi os bigodes do Popeye eriçarem-se - ou foi impressão minha? - como a imitar o meu sorriso sardónico. - Bem, estamos aqui... e agora?

- E onde é que vão ficar? - perguntam todos. O meu pai vai já para a casa de banho com a sua tosse nervosa. É sempre assim.

- Bom, estamos a contar com um cantinho aqui em casa... Francamente a moradia não é por aí além, no andar de cima habita a dona Emília e a filha, Maria de Lurdes, entrevadinha, arrebatada da vida activa pela mesma doença que pôs um ponto final às músicas do Zeca Afonso.

A casa, pois... Provisoriamente, porém, nas duas semanas imediatas, coube-nos uma divisão junto às escadas e de onde desalojámos o Popeye, a Popeye, aliás, é uma gata, e que fizera daquilo o seu quartel.

Semi-arrumada a tralha, posta a conversa em dia, é a altura de a Célia ir fumar mais um cigarrito. A casa tem um amplo jardim que se prolonga para as traseiras e que ela toca a explorar. E a encher de beatas de cigarros - a estrumar, como eu digo - o que faz arrepiar os cabelos da senhora de cima. O dia havia, entretanto, despontado em pleno e, como já disse, a Célia está lá fora a fumar a tal cigarrada, e trata das operações preliminares de reconhecimento - fazer o 'scanning', o levantamento do terreno

imediatamente por ali nas redondezas. Identificados três 'alvos': o senhor Fernando - cigarros e cerveja para fora, uma mercearia-tasca; o Pombo - snack-bar 'Bandeirinha; e mais um barzeco logo abaixo. Tudo 'OK' quanto a logística.

E assim se passou a manhã e a tarde do primeiro dia, com uma volta pelas vizinhanças, umas cervejolas no Pombo, e uns cigarritos no jardim, cujas beatas recicláveis lá são deixadas pela Célia à laia de estrume na melhor das intenções, mas contra as quais a dona Emília do primeiro andar protesta histericamente doravante. Começamos-nos a habituar a isto!

À noite, o habitual período de perguntas e respostas continuava, conduzido pelo meu pai - na vertente das perguntas. Tal como quando vivíamos em Alcântara. 'E então o que é que esperam fazer? Onde vão ficar definitivamente?' Nada nem ninguém fica definitivamente onde quer que seja. Agora a nossa passagem, por aqui, é que pode ser mais ou menos dilatada...

Os dias seguintes, bem, são para mostrar Lisboa à Célia. Os cantinhos habituais. O Aziz, restaurante, chama-se mesmo assim - 'O Cantinho do Aziz'; o Rossio, o Castelo, rua das Portas de Santo Antão, Amoreiras... Mas o Aziz é um poiso habitual. Já o conheço há anos, daqui de Lisboa, do restaurante dele, apresentado pelo Ascêncio de Freitas, o escritor que eu então rebocara para a Renamo. E depois, ainda não há muito, encontrara de novo em Maputo o Aziz, na Sekou Touré, não muito longe da B.O. (Brigada Operacional) do Ministério da Segurança.

Depois, uma destas tardes, resolvo que temos que efectuar a travessia do Tejo, de cacilheiro. Uma bronca. O velho barco tem o motor a engasgar-se a meio do rio. A máquina morre de vez. Mais uma hora até vir um outro barco a servir de rebocador. Jantar em Cacilhas, para os lados do Ginjal. A Célia não se cansa em elogios ao vinho português. A pé, agora, para desmoer, até Almada. Um pouco acima do Café Central, no centro desta 'Catembe' lisboeta, tomamos a camioneta da RN. A travessia inversa, pela ponte. São

quase vinte e duas horas. A Célia maravilha-se com as luzes da capital a explodirem em força no céu nocturno, a brincarem com a ténue neblina que se solta do Tejo.

Bem! Três assuntos a tratar rápido: Prorrogação do visto da Célia, residência ou naturalização; Habitação; Emprego, algo em que matar o tempo para além da copofonia e do etcetera e tal, ter uma fachada aceitável, ora bem. Quanto ao primeiro item, e sopesando as dificuldades e demoras do S.E.F. (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), decidimos casar, pois! E naturaliza-se a Célia portuguesa.

Restelo

Os dois assuntos seguintes seriam resolvidos quase em simultâneo, foi assim: vou rever o meu amigo Miguel ao Restelo, e que em 1987 quisera que eu o integrasse na Renamo quando eu afinal já estava de saída. O Miguel, que trabalhava na Universidade Autónoma de Lisboa, agora em exclusivo desde que largara a Guérin, tem uma enorme surpresa ao rever-me ali. Jantamos em casa dele, um terceiro andar no Restelo, junto às torres, onde vive com a mulher, a Júlia, mais a avó Miranda e um hóspede dessa avó octogenária e de aspecto jurássico e que, acho, até já se tornou mais companheiro da senhora do que hóspede.

Nessa noite convidam-nos a pernoitar por lá, cedem-nos um dos quartos. Um local sossegado, uma noite calma ali no alto do Restelo.

O Miguel possui a uns cem metros do prédio uma casinha rústica, térrea, ou antes, um rés-do-chão e primeiro andar com escada interior, e que ele jocosamente designa como a ‘casota’ embora seja de alvenaria. Manhã cedo vamos inspecionar o sítio.

Bom conversador e melhor amigo, o Miguel prontifica-se a resolver uma das questões: - Queres ficar aqui pá? Bom ar, fora do centro, calmo, e com transportes.

Num anexo arrasta-se um casal de velhotes, o 'tio' Carlos e a dona Rosa. São feitas as apresentações. As honras ao sítio em redor são efectuadas também. Eu até já conhecia o local desde um dia desses tempos da Renamo, já no final, em que havia ido num Domingo auxiliar o Miguel nas pinturas à cozinha da 'casota'.

Relembro tudo desse dia de há uns quatro anos atrás, em 1987. Claro que nunca havia pintado nada de nada na vida e o Miguel mandara-me logo estar quieto ou mamar mais umas cervejolas nesse entretanto. Era o dia seguinte a uma bebedeira épica, na 'sede' da Renamo que eu arranjava em Casal da Mira, mais um Sábado de comezaina e bebidas, e dali já muito tocados seguiríamos eu e o Miguel até uma discoteca junto ao Rossio onde uma gajinha - a Maria 'Bonita' - ainda mais bêbeda, se atirara a mim. Fica-me dessa noite o desacato com o porteiro e eu a abrir a mala no WC e a pôr a Mauser 6,25 no cós das calças e depois à porta o relâmpago e estrondo do disparo, o projectil a passar uma tangente ao nariz do 'portas' - tens sorte! digo-lhe, esta semana estou a negociar em pistolas, para a próxima são granadas!, e eu a rebocar o Miguel por umas escadinhas abaixo, o Miguel a fazer 'tshh tshhh' que parecia uma locomotiva, e eu a culpá-lo que aquilo era uma boite gay, do Rui maricas, que lá estava com uma T-Shirt de renda que parecia um camaroeiro, um compincha do Aziz, a urinar depois, ele, o Miguel, no meio do Rossio, à uma da madrugada, um táxi até ao Cais Sodré, ao balcão do Copenhagen, e já são três e tal e há uma empregada a fazer-se a nós, imensamente desdentada - como é que deixam estar disto aqui? - e já nós temos as nossas iniciais desenhadas sobre o balcão com as garrafas de Carlsberg que cada um toma, somos expulsos às quatro e meia já a boite fechou há muito, conseguimos parar um táxi e eu balbuciar 'ruapriordocrato porfavor centoetrintaeito...terceiroesquerdo...' Só até ao cento e

trinta e oito!’ - diz o motorista meio sério meio a brincar, continuando o Miguel a bordo até ao Restelo. Acerto eu em Alcântara com a porta do prédio, mas a escada é meio de gatas que se conquista e a muito esforço, pedindo desculpa de um tropeção ao homem que dorme no patamar e, após abrir a custo a porta, despenho-me na cama. Não sei pois como consegui chegar horas depois ao Restelo nesse Domingo para as pinturas... Quando sou desmobilizado pelo Miguel trato é de regressar a Alcântara onde aterro na cama ao meio-dia para só me levantar às quatro da tarde de terça-feira. São assim imensamente fragmentadas as recordações que tinha da casinha no Restelo.

Regressemos ao presente. Inspeccionamos a habitação - uma sala comum no rés-do-chão com uma cozinha adjacente. O tecto é que é baixo, tangente à minha tola, eu quase com um e noventa. Uma escada periclitante em caracol conduz ao piso de cima, ao quarto. A casa de banho, cá em baixo, ao lado da cozinha. Depois, há toda uma mancha em verde a encher o cenário, a zona verdejante do Restelo e que se espalha também dentro de muros, num pequeno quintal que nasce à porta da cozinha. E num recôndito, a um dos cantos do muro, é o local para o churrasco, uns tijolos em que assenta uma grelha.

No dia seguinte procedemos à mudança. Alívio para nós e para a família principalmente, há menos vectores etílicos na Encarnação. O Miguel disserta muito sobre os tempos da Renamo, dos medos que tivera após a minha partida para Maputo, e que ainda sente até agora. Desaconselha-me o Aziz e outros locais afins. O Miguel... diga-se, em abono da verdade, gostou sempre de dramatizar e tem aquelas maniazitas da espionagem, perseguições, etc. Nada de grave, porém. E lá voltava a explicar que fora ‘fuzileiro especial’ - ligado a missões especiais! Na corveta São Gabriel, parece-me, costas da Guiné e Moçambique, na guerra colonial, e muitas missões especiais com chouriço e bacalhau assados e gandas borracheiras a garrafão cheio e noitadas no Moulin Rouge da Beira

e sítios de perdição do género. E ‘operações especiais’ que vi continuarem nas festas da Anerm, também no alto do Restelo, com mais garrações e frangos à zambeziana. Para estas missões especiais estamos cá sempre e ganham-se todas as guerras!

A bulir na UAL entre computadores

A solução à última questão é também prometida e cumprida pelo bonacheirão e pançudo Miguel. O Miguel, pois, ainda não o apresentei bem, manda assim para os seus 130 quilos de gente, um metro e oitenta, animado, uma bonomia constante, cabelo castanho, ondulado, encimando a cara bolachuda. Pernas e braços como os de um halterofilista mas vejo-o mais na prática do levanta-o-copo. Foi camionista em Moçambique no beco final da era colonial após os tempos de fuzileiro, conhece aquelas estradas como a palma da mão. E estávamos nós a falar em emprego, pois, sempre a chata questão. O Miguel arranja-me um trabalhinho no próprio serviço dele, a UAL. A UAL – Universidade Autónoma de Lisboa - está em expansão. Abrira no início de Novembro um novo ‘polo’, em Campo de Ourique. Dia 10 leva-me a uma entrevista com o chefe de recursos humanos, o João Matos. E logo no dia seguinte encontro-me eu a bulir como ‘escriturário’ ou uma coisa assim, três semanas após termos aterrado. Não havia outra alternativa aqui e agora. Aceita-se. Depois, já se vai ver isso, okay?, acertar as coisas.

Junto da embaixada de Moçambique tratámos de outros documentos para o casório, papelada que a Célia necessita para o processo de matrimónio. Outros papéis, fomos desencantá-los na conservatória onde estou registado e ainda na conservatória da Encarnação, Olivais, para onde está previsto o desastre, a dois passos da casa dos meus pais. E a coisa acaba por se dar a 14 de Dezembro de 1991. Cerimónia simples e rápida.

O Miguel e a Júlia, padrinhos da Célia. O José Ribeiro e a Esmeralda são meus padrinhos de baptismo, agora são eles também os padrinhos de casamento.

A situação da Célia fica resolvida de vez logo em Janeiro, naturalizada por casamento na conservatória dos registos centrais, BI português, isto depois tratado já no arquivo de identificação. Provisoriamente o Miguel arranja-lhe colocação no quiosque de fotocópias da sede da UAL, rua de Santa Marta, embora o toner lhe fizesse impressão, alergia, ou reagia mal com o etanol... e, em suma, ela não aguenta aquilo mais de três semanas.

E eu também não gosto muito da UAL. Não adorei nada daquela brincadeira. Então, andar de cavalo para burro?! Escriturar como? A receber ordens de boçais como um tal Barroso, o 'seis dedos', cuja mão direita ostenta um indicador bífido. Não! Mas lá me convenceram: 'pá, o posto é temporário, um trampolim, é só para o arranque do polo de Campo de Ourique'. Ah! E havia o acesso a computador!

Cedo se esgotam os guitos que trouxera de Maputo. O salário desses chupistas da UAL não dá para mandar cantar um cego, se não fossem os expedientes... A Anita, a minha mana, tem uma reservazita e resolve investir logo num computador, médio, para a época, um 386 SX 25, disco de 80 megas, 4 de memória RAM. Era, nessa altura, uma máquina razoável. Em poucos dias aprendo os segredos do DOS - o sistema operativo - e a configurar a memória, a instalar e desinstalar programas vários.

Na UAL, sou polivalente. Até na Secretaria ajudo. Aproveito a calma do início da noite - estou no turno 16h00 / 24h00, embora saísse às vinte e duas e tal quase sempre - para dar uma saltada ao centro de cálculo. Uma quinzena de computadores, todos da gama 286. O que está na Encarnação é pois mais evoluído do que estas sucatas.

Qualquer tempo livre dedico-o assim à aprendizagem da Informática, desta nova Informática da era dos PCs. Na prática e lendo mais e mais compêndios. Posteriormente bati-me na instalação do Windows 3.0 e 3.1 - lembram-se o que era isso? Experimentava e tornava a testar novas configurações. Mais

memória, mais velocidade, mais 'espaço' em disco - falo de 'compressores'. Software da UAL para a Encarnação e vice-versa. O meu sonho, quando me sinto seguro, é então 'tomar conta do centro de cálculo'.

Espicaço o Miguel. E o Miguel vai dando uns toques ao Dr. Reginaldo, o assistente da Direcção. Mas todo o ano se passa e eu na mesma a funcionar administrativamente, a ressabiado.

Também a Direcção da universidade fica ressentida quando me faço pagar de uma reportagem vídeo, assim a modos que pirata ou 'spy', que efectuo a pedido ou a mando do Dr. Reginaldo, nos finais do primeiro semestre de 1992. Na ocasião estalara uma autêntica guerra entre a Direcção da Cooperativa Universitária, a CEU – CRL, e o reitor até aí, o Dr. Luís Arouca.

O ano escorre assim sem percalços de maior, pontilhado de fins de semana na casinha do Restelo, nós, os Miguéis, e muitas vezes a mãe do Miguel mais uma filha adoptiva dele, e ainda a avó Miranda e os padrinhos de casamento do Miguel e Júlia. Tudo isto entremeado de pequenas conversas com os vizinhos Carlos e dona Rosa nesta cena campestre e bucólica quase dentro de Lisboa em que, não longe até, num cabeço, giram os dois moinhos do alto do Restelo. Tudo em boa comezaina e melhor copofonia.

Amiúde vamos pois a casa dos meus pais e irmãos, visita familiar e... ao computador. O vício entranhava-se. Entretanto, nos contactos para os papéis da Célia, na Embaixada de Moçambique, conhecêramos melhor a dona Fátima da secção consular e o próprio cônsul-geral, o Mário, que voltamos a ver, já nos encontráramos, pois, em Maputo no âmbito do Ministério da Segurança.

Durante a festança de fim de ano da UAL - 1992/'93 - o Miguel volta a abordar o Reginaldo para a possibilidade de me colocarem no centro de cálculo. Poucas semanas mais tarde a sugestão é aceite.

O Mário da embaixada acaba, entretanto, de adquirir um computador 'notebook' nos Estados Unidos. Necessita de explicações. Aos sábados de manhã vai ter comigo à UAL. E fala-me no projecto de se informatizar a embaixada e o consulado. Meses volvidos apresentar-me-á ao adido financeiro e administrativo e ao encarregado de negócios da missão.

Mas bem, novidades em relação à residência. Uma pequena chatice com a Célia e em Fevereiro o Miguel surgirá com uma desculpa da vinda de um primo virtual ou uma vinda virtual de um primo. Saímos para mais uma semana na Encarnação.

Aí, estão ofendidos comigo. Também existe uma razão de peso. Eu, com uma bebedeira mestra, em que chego a casa quase de gatas e a vomitar. Lembro-me bem dessa noite medonha, na RTP passava pela primeira vez 'O Último Tango'. E nós no fundo da rua a emborcarmos vinho branco, coisa que nem é do meu gosto, mais vermouth e bagaceira. Enfim! O resultado foi aquela aterragem desastrosa pelo jardim, uma aproximação à porta, três vasos derrubados e partidos. Já no dia anterior a Célia chegara a casa ao fim da tarde com um grão na asa e a minha mãe é que a descobriu deitada, a dormir, num bom ressonar, na banheira sem água, ainda completamente vestida.

Na Graça & Anjos

Sugerem-me o aluguer de uma casa... Vasculhamos jornais. Rua Leite Vasconcelos, 48 - r/c, junto à Graça. Ficamos só por uns dois ou três meses. É de um casal ultraconservador religioso, Testemunhas de Jeová ou Manás, ou coisa assim. Saímos daí, da casa do tal senhor Resende, esse fanático de aspecto vampiresco, mas não para muito longe. Precisamente para a Rua de... Moçambique, 56 - 1º. A casa é de uma dona Alice e do seu filho cinquentão, amaricado e troglodita.

Embirração constante com o fumo do cigarro e as nossas chegadas tardias a casa, bem de madrugada. Perto dali é com a Célia que

volto agora ao fim de cinco anos ao Noites de Luar pois desde 1987 que lá não punha os pés. Ela adora o Noites de Luar, esse espaço sobranceiro aos Anjos com um certo toque tropical, áreas distintas de música e convívio, música portuguesa e brasileira.

E não se vai abaixo, a Célia, respondendo telefonicamente a anúncios de jornal, e lá se encaixa num restaurante no Campo Grande. Uma combinação perigosa. Copos e trabalho. Passagem efémera que dura duas semanas. Despenha uma enorme pilha de pratos.

Será ao pé da casa dos meus pais, na Encarnação, no restaurante Nicogrilo, que consegue enfim o emprego mais estável deste período cá em Portugal. Mas após alguns meses e uma cena tremenda entre nós os dois larga o Nicogrilo - mas será apenas por um par de meses - para funcionar num outro restaurante-snack na Apelação. Em resumo, voltará ao Nicogrilo onde permanecerá até Outubro de 1996, altura em que sai por baixa médica.

As relações com o Miguel são agora apenas ao nível da UAL. Pouco aparecemos no Restelo. Creio só lá termos voltado mais duas vezes em 1993 e 1994. E quanto a andanças com a Célia registo desses tempos também uma ida a Alcabideche onde moram os meus padrinhos.

Na UAL, além da polivalência anterior, estou assim no Centro de Cálculo. Na Embaixada, a informatização está por agora em *stand by*.

Chegamos a Agosto de 1993. Saímos dos Anjos, da Rua de Moçambique, após uma discussão quase violenta com a dona Alice e o primata primordial do seu filho, e com a Célia a bulir de novo no Nicogrilo, mudamo-nos para Campolide para a Calçada dos Mestres, 74 - 3º, para a casa de uma dona Amélia e do seu filhote - de trinta e tal anos - meio retardado que é outro fanático religioso das Testemunhas de Jeová! Mau!!!... Lisboa inundada destas testemunhas!

Temporada em Campolide na Calçada dos Mestres

A dona Amélia manda um aspecto assim a modos que tresloucado nos seus sessenta e poucos anos. O cabelo é um espanador autêntico. A sua ideia de arrumação deve andar um pouco conturbada. Uma fresta na porta deixa perceber parte do quarto que ocupa - uma miríade de sacos de plástico empilhados pelo chão e cama - aquilo é lixo? Plásticos e mais plásticos por onde se perdia a mobília.

O nosso quarto está devidamente arrumado e mobilado, com uma bela varanda para a rua, e avista-se dali uma panorâmica soberba, o verde extenso da serra de Monsanto, encimado por aquele 'chapéu de coco' do antigo forte-prisão e as antenas da RTP.

Na casa reside ainda, como frisei, o filho da senhora, o José António, que com os seus trinta e poucos anos está completamente seduzido e é membro fanático das Testemunhas de Jeová. São inúmeras as histórias e visões que nos conta à noite na varanda das traseiras enquanto observamos ao longe o tráfego do aeroporto, e a nossa paciência é imensa. Explica-nos os 'milagres' e além da seita terrena dele, a seita imensa de 'criaturas' voadoras - anjos, serafins, arcanjos, querubins... E que ele também está prestes a ser chamado e será um 'serafim' desaparecendo do mundo terreno. Pois! 'E é assim - explica-se - às vezes anda a PJ à procura de um indivíduo e não conhece destas coisas que acontecem...'. Pois! Pois!

Na UAL o meu horário muda para de dia, no início do ano lectivo 1993/94. Das 10h00 às 18h00. Às vezes é cada ressaca, da cardina do dia anterior, que até tenho saudades do horário antigo, mas pronto, passo a ter a meu cargo o centro de cálculo apenas, ah!, e também a caixa, pois, esse presente envenenado, causa da minha perdição futura, mas enfim, a caixa para recebimento das mensalidades dos alunos, as propinas. A 'caixa' é o cofre e um computador com modem ligado em rede por linha dedicada da

Telepac à sede na rua de Santa Marta. Mais uma matraqueante impressora de agulhas para a emissão dos respectivos recibos. Por agora, tudo sob controlo.

Informatizando a Embaixada

A Embaixada decide-se finalmente pela informatização. A embaixadora Esperança Machavele, embora quase sempre em Maputo na Comissão de Paz instaurada após o acordo Frelimo / Renamo e antecedente às eleições, passa por Lisboa e concede luz verde ao projecto.

Aconselho tecnicamente o Adido Financeiro e Administrativo, Rafael Tembe, o Encarregado de Negócios, António Inácio Júnior e o Cônsul Geral, Mário Ngwenya, sobre o equipamento, e acompanho o processo de compra e instalação, configuro o software, desenvolvo aplicações próprias e dou início aos cursos de formação, nomeadamente no sector consular à dona Fátima e à Susana, uma jovem portuguesa, no respeitante ao software para controlo de vistos, inscrições consulares e contabilidade.

Na UAL o centro de cálculo está *au point*. No cubículo que me cabe tenho um '386. O resto são tudo máquinas 286, já obsoletas. Faço esse reparo mais tarde ao secretário da direcção, o doutor António Lencastre Bernardo, que vem a acumular tarefas aqui com as de director geral do SEF a partir de 1995, naquilo que aparenta ser uma ilegalidade.

Mais tarde o 386 será substituído por um 486 DX4 a 120 megahertz, de 16 megas de memória e um discozeco já razoável. Os demais, continuariam obsoletos. Querem formar malta a preço de ouro usando sucata!

Centro de cálculo. Recebimentos. Apoio no equipamento e software, ao ano propedêutico, às aulas de informática, e também no curso de ciências da educação. O que há a fazer? Configurar o sistema operativo, instalação do Windows 3.0 e 3.1, agora,

vigilância anti-vírus, etc. Os intervalos para o almoço das 11h45 às 15h00 ocupo-os uns dias a efectuar o depósito bancário na UBP de Campo de Ourique e a almoçar na zona, e quase todos os dias, aliás, das doze às quinze, abalo de táxi para a Embaixada, na Avenida de Berna, para tarefas de manutenção ao parque informático e mais aulas. Antes das quinze, o regresso, também de táxi, à UAL.

Batia tudo certinho como Omega. OK! Roubava umas horitas à UAL mas pela miséria que pagavam e aquela categoria profissional que não mudava substancialmente, era assim, com este extra, um preço/hora mais justo. Na prática eu arribava às 10h30 ou onze lá à UAL, vá lá, saía ao meio-dia, voltava às quinze e descolava às dezoito. Quatro horas e meia ou cinco, efectivas, e algumas, até, com certos intervalos lúcidos. As obrigações, bem entremeadas com a leitura de mais manuais informáticos, instalação e teste de novo software, às vezes lá ia a alma de uma máquina para o caracas e havia que instalar tudo de novo, mas bem, era para isso que eu lá estava ou não era?! E... os jogos. O Spear of Destiny, Wolfenstein 3D, o Doom, e o 'must' que me ocupou boas semanas do meu top of games, o The Rise of the Triads, imensamente 'gore', sanguinolento.

Paralelamente aos jogos, outro software desfilava por ali, mais educativo, como o Fractint, gerador de fractais, raiando essa nova ciência da Teoria do Caos nas franjas da Matemática, Física e Geometria, explorando toda uma nova dimensão. A biblioteca acaba de passar para o segundo andar, contígua ao centro de cálculo. Como responsável está o aluno António Dore, estudante de sociologia. Muitas horas se escoam connosco defronte dos computadores, a 'tratar' dos jogos e de todo o novo software. Edito e altero as imagens e cenários, níveis, o código do Wolf 3D, traduzo as legendas e ditos do Wing Commander, um jogo ao estilo da Guerra das Estrelas.